

IMAGEAR: O LUGAR, OS VIAJANTES E AS IMAGENS

Image-gearing: place, travelers and images

Ivânia Marques¹

RESUMO

Considerando a imagem como uma forma de conhecer, o projeto “Roteiro Ecogeográfico” propõe a criação de um espaço, onde viajantes (estudantes e educadores) possam conviver e criar a partir de um percurso pensado em explorar marcos e entornos do município de Americana no Estado de São Paulo. Os viajantes explorarão imagens em fotografia e serão convidados, eles mesmos, a fotografar, usando câmeras *pinhole*. Extrapolando as paredes da escola, em espaço ligado às Secretarias Municipais da Cultura e da Educação de Americana, espera-se que os viajantes se tornem produtores de suas próprias imagens e de suas versões da realidade, questionando e movimentando seus saberes. Anuncia-se neste texto um projeto de mestrado, em andamento, que propõe aos participantes descobrir o lugar onde vivem e percorrer seus próprios caminhos seguindo qualquer direção, em favor de leituras múltiplas da cidade e do município, de sua história e, conseqüentemente, deles mesmos.

Palavras-chave: Geografia. Imagem. Dobra. Lugar. Fotografia.

ABSTRACT

Considering the image as a way of getting to know things, this project attempts to create a “space” where travelers (students and educators) can work together from an eco-geographical script designed to explore landmarks and border areas in the city of Americana. These travelers will explore images in photography and will be invited to photograph themselves, using pinhole cameras. Beyond the walls of the school, in a project related to the Departments of Culture and Education, travelers will become producers of their images and of their own versions of reality, studying and learning in a different way. This article is an overview of my master’s project, in progress, where I propose that participants (re)discover the city where they live and follow their own traversal paths in learning, going in any direction, in favor of multiple readings of the city, its history and, consequently, themselves.

Keywords: Geography. Image. Fold. Place. Photography.

¹ Mestranda em Educação no Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO), da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Especialista em Educação Especial; Educadora e professora dos primeiros anos do Ensino Fundamental. marques.ivania@gmail.com.
✉ Av. Abdo Najar, 1221, apto. 14. Nova Americana, Americana, SP.

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens

Ivânia Marques

Este artigo foi escrito nas proximidades do texto de meu projeto de mestrado “Geografias, imagens e desdobramentos: imageando espaços”, em que se propõe um conjunto de atividades nas quais exploraremos a imagem como enriquecedora de conhecimentos de um morador sobre o lugar onde se vive: o município de Americana, no Estado de São Paulo. Um conjunto de ações vinculadas ao “Roteiro Ecogeográfico” já foi desenvolvido e apresentado a 150 docentes da rede municipal de ensino e coube ao fotógrafo Luis Marques Martinelli coletar imagens do município nessa primeira etapa do projeto. É a partir delas que este artigo se debruça mais diretamente. A proposta dos dois projetos já citados é levar o morador à experiência de um viajante e refletir sobre as imagens que reverberam desta experimentação do espaço. Convidamos e convidaremos grupos da comunidade escolar a entrar em relação com o espaço através da produção de imagens.

Mas antes de abordarmos as imagens obtidas é preciso que nos detenhamos, ainda que brevemente, sobre pelo menos três elementos que se entrecruzam nos projetos: o lugar, os viajantes, a imagem.

LUGAR

Lugar diz respeito ao dinamismo e à possibilidade de melhor compreender a complexidade do mundo. Trata-se de olhar e perceber mudanças e transformações em diferentes momentos, sob diferentes interesses e condições sociais, culturais, geográficas... Que lugar é esse que vejo e desconheço? (Figura 1)

Propõe-se a construção de um conjunto de experiências que possa oferecer essa possibilidade de ação e ser um espaço de colher resultados e de produzir outros olhares, espaço voltado para a valorização de saberes – docentes e discentes – integrados com as diferentes áreas de conhecimentos, um **lugar existencial**:

O que importa, aqui, é o lugar existencial, aquele no qual os alunos produzem seus saberes acerca do mundo onde vivem, saberes corporificados. Saberes que, no universo escolar, devem ser solicitados a participar da construção de narrativas e conhecimentos, de modo a incluir a vida/experiência dos alunos



Figura 1 - De varanda à árvore
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens

Ivânia Marques

num ambiente onde têm acesso a saberes mais elaborados e codificados noutros espaços e tempos. (OLIVEIRA JR., s/d, p. 2-3)

Desejo consolidar esse lugar para que seja conhecido corporalmente, para que se permita sua exploração por todos os sentidos, transbordando o que se vê e o que se ouve no espaço escolar e nas diversas mídias, para que aqueles que dali se aproximem venham a ser conhecedores mais equipados, mais experientes, do lugar onde vivem. Lugar de experimentar, de saber experiência:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (LARROSA, 2002, p. 27)

Esse lugar a ser (re)construído, onde vivem os viajantes deste projeto, é o município de Americana. Ligado à Secretaria de Cultura e Turismo,

ao seu Museu de Arte Contemporânea, à Casa de Cultura Herman Muller, à Estação Cultura, à Secretaria de Educação, à Secretaria de Meio Ambiente, à Secretaria de Obras, à Secretaria de Planejamento, à Secretaria de Promoção Social, à Secretaria de Saúde, à Secretaria de Transporte, à Diretoria de Ensino – Região de Americana, a Nelson Travnik – do Observatório Municipal de Americana, e promovido pela Prefeitura Municipal de Americana, haverá um núcleo de estudos com monitores e estagiários, sob minha coordenação, propondo o convívio com alunos e professores, com câmeras fotográficas, com imagens e com espaços de observação na cidade. Nesse cenário vejo possibilidades, potências. Percorreremos o entorno, os “limites”, da cidade em um roteiro ecogeográfico, e entraremos em contato com espaços contraditórios, múltiplos, variáveis de uma invisível cidade. Cidade invisível, como que inspirada por Ítalo Calvino (1990), porque, diante de novos olhares, a cidade será re-inventada por imagens, falas e escutas. Invisível e capturada por viajantes. Uma cidade a descobrir. Usando as palavras de Valéria Cazetta, propomos a produção de imagens “em defesa do pronunciamento de outras vozes sobre como melhor compreender o território e suas gentes” (CAZETTA, 2009, p. 85).

O entorno de uma cidade é espaço plural e privilegiado de observação e percepção do espaço e permite a elaboração de planos de composição que podem inspirar e levar aqueles que por eles forem afetados a também compor e criar. Desdobramentos possíveis. O entorno de uma cidade é um **espaço de escutas**. A ideia é explorar imagens com narrativas escritas, imagens com narrativas orais/vídeo, imagens com fotografias digitais, imagens criadas pelos próprios viajantes, todas com o potencial de criação que permitam o abandono de práticas controladoras, gerando fluxos em qualquer direção, sem hierarquia predefinida, fluxos rizomáticos. Considero o percurso do

roteiro como um rizoma que Deleuze e Guattari (1995) apresentam como múltiplo, conectado, de quaisquer pontos em uma infinidade de descobertas e devires. Desejo de oferecer oportunidades de pulverização, de multiplicidade, de diferenciação, e a imagem como possibilidade de compreensões infinitas no e do espaço em que se vive. Desejo de promover, com OLIVEIRA JR. (2009), um distanciamento e uma recusa das práticas que tornam os alunos reféns de uma única forma de imaginar o espaço, aquela imaginada pelo estado, e eu acrescentaria: aquela das imagens prontas dos materiais didáticos, que desconhecem as nossas comunidades e os locais onde (com)vivemos.

VIAJANTES

Convidaremos para seguir esse roteiro e **experienciar** espaços e tempos da cidade, alguns viajantes. No espaço, entrarão em contato físico com a cidade de Americana, como já vimos; no tempo, entrarão em contato com momentos da própria ocupação da cidade. Queremos lembrar a necessidade de um outro tempo, como o lembrado por Tarkovsky, “necessário para que o homem, criatura mortal, seja capaz de se realizar” (TARKOVSKY, 1998, p. 64). Tempo-estado conectado com o tempo-memória. “[O] tempo por nós vivido fixa-se em nossa alma como uma experiência situada no interior do tempo” (TARKOVSKY, 1998, p. 66).

Esses viajantes-moradores serão alunos do Ensino Fundamental e seus professores. Alunos da rede municipal, estadual e particular (nesta sequência), a princípio do 6º ano, com máquinas fotográficas, lupas, binóculos, bússolas e mapas, que seguirão à procura de suas melhores imagens por caminhos (des)conhecidos. Queremos extrapolar as paredes da escola, queremos que os viajantes sejam capazes de guiar, de se tornarem produtores de suas próprias imagens e suas versões da realidade, de questionarem e de movimentarem saberes.

Neste projeto, desejamos que os participantes embarquem e descubram deslocamentos, outros sentidos, e percorram seus próprios caminhos em qualquer direção, em favor da multiplicidade, do respeito e das diferenças. O resultado será sempre surpreendente se (nos) permitirmos. Um viajante navegador como GODOY (2008) o descreve, à “procura da terra por descobrir” e não se esquecendo de que é, e “fazendo da terra de que se parte a mesma [a] que se chega” (GODOY, 2008, p. 34). Um viajante experimentador que se movimenta e se arrisca a re-criar.

Procuro viajantes inventores, em descaminhos e amantes das derivas. Viajantes que queiram conhecer seu espaço, seu lugar. O espaço que, em Massey (2008), é pensado a partir de uma geografia das relações na construção de identidades, “pois o espaço é produto de inter-relações e elas só podem existir num espaço de multiplicidade, onde não há nada dado de forma definitiva” (MASSEY, 2008, p. 32).

Seguiremos juntos à procura de uma ecologia que desafie o observador a criar, que fuja das amarras de ecologias passadas e cheias de culpas. Buscamos experiências significativas para as vidas que as circundam, experiências de percepção das singularidades que compõem o espaço/lugar.

Trata-se de se esquivar à banalização da vida, aos pensamentos e às práticas empobrecedoras e redutoras das possibilidades de experimentação da vida. [...] Seria esta invenção de Guimarães Rosa, ao conceber um sertão presente em todo lugar, dobrado e desdobrado ao longo de seus contos, novelas e romances, eles mesmos sem fronteiras, ou ainda cujas bordas imprecisas e esfiapadas apontam a fluidez dos limites e a inconsistência das fronteiras entre as coisas e as palavras que as designam, em proveito de sonoridades outras, dissonantes e secretas, afinidades ocultas, conexões surpreendentes e inquietantes (GODOY, 2008, p. 185)

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens

Ivânia Marques



Figura 2 - De varanda à esquerda
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

Viajantes experimentarão essa ecologia pensada em pensamentos, inventando mundos e modos de existência singulares, vivenciando a arte em imagens. Viajantes seguirão desvelando imagens em um roteiro ecogeográfico, buscando pistas da “menor das ecologias” que “não cessa de se fazer nas linhas de fuga traçadas, nas quais se desliza” (GODOY, 2008, p. 286), com uma exigência: “mais do que descobrir, a coragem de esquecer-se das descobertas: esta é a saúde exigida pela menor das ecologias” (GODOY, 2008, p. 286). Para fugir das amarras, inventar outras maneiras de resistir, ou ainda, com Aspis (2011), inventar para re-existir.

IMAGENS

Em Americana (lugar), viajantes (discentes e docentes) irão se envolver com fotografias. As imagens fotográficas movimentarão o

olhar e seremos convidados ao recorte, à novidade, ao inesperado, produzindo um outro saber, outras poesias, discursos outros e conhecimentos outros. A fotografia transforma e alimenta *saberes*. Fotografar é desvelar a sua relação com o mundo, com o conhecimento e, por que não dizer, produzir uma **experiência capturada** (SONTAG, 2004, p. 14).

Há por detrás das lentes, um olho que escolhe, recorta e define o momento certo do clique, de acordo com seus desejos. Como nas palavras de Luis Humberto (2000), o instante da fotografia se dá no momento em que há o encaixe entre o que está sendo fotografado e alguma idéia pré-existente do fotógrafo. Uma fotografia é um resultado de um bom e fugaz encontro, previsto ou inesperado, mas também de uma busca, de uma intenção que possibilita ver coisas que poderiam passar despercebidas (WUNDER, 2006, p. 10).



Figura 3 - De varanda à quadra
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens

Ivânia Marques

A foto captura emoções, registra momentos e omite palavras. Revela-se ao mundo o surpreendente, o que se quer e o que se sente. Encontramos nas imagens os mundos, os sentidos, os encontros, as diferentes narrativas em uma mesma cena. Viajantes experimentarão isso ao percorrerem o trajeto do Roteiro Ecogeográfico. No roteiro encontrarão os vestígios de que nos fala Sontag:

Essas imagens são verdadeiramente capazes de usurpar a realidade porque, antes de qualquer coisa, uma fotografia é não só uma imagem (como o é a pintura), uma interpretação do real – mas também um vestígio, diretamente calcado sobre o real, como uma pegada ou uma máscara fúnebre (SONTAG, 1983, p. 148).

Todas as imagens deste artigo foram produzidas no município de Americana para visualizarmos a fotografia em *pin-hole*. A palavra

pinhole ou *pin-hole* significa “buraco de agulha” e refere-se a uma forma alternativa de fotografia, com câmeras construídas apenas com caixas e latas onde a luz não penetra, a não ser pelo *pinhole*. Câmera estenopéica, sem lentes ou objetivas, sem obturador, funciona com um orifício ou mais orifícios cobertos, e abertos somente para “bater” a foto. A diferença básica da fotografia *pinhole* para uma convencional está em sua ótica. A imagem produzida em uma *pinhole* apresenta uma profundidade de campo quase infinita, ou seja, tem um foco suave em todos os planos da cena (tudo está focado) como vemos na Figura 1.

Um viajante, uma imagem, uma captura, uma possibilidade, estranheza, acolhimento. Através de pequenas aberturas imprecisas, a luz penetra na escuridão da lata e uma imagem se forma. Momentos

armazenados em papel fotográfico. Uma cena única, que não se repete.

O viajante, de posse de uma dessas câmeras, pode criar representações, imaginar e atuar conforme seu desejo, podendo criar espaços identificáveis ou não. A câmera *pinhole* é um instrumento valioso que se conecta com mundo de diferentes maneiras.

Um mundo de imagens o viajante pode revelar, refletir, omitir em seu cotidiano. A fotografia não reproduz o real, recria-o. Da mesma forma, a câmera *pinhole* com mais de um orifício captura o inusitado, cria novas identidades em sobreposição. Mostramos nossa forma de ver o mundo em diferentes ângulos. Somos invadidos por imagens em que podemos acreditar ou podemos, ainda, com elas, pulverizar o que vemos. Com as fotos *pinhole* podemos literalmente tocar as fotos, mudando nossa participação no ato de fotografar e imagear o espaço (Figura 4).



Figura 4 - De varanda à favela
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens Ivânia Marques

Uma visão múltipla de olhares múltiplos retrata o espaço. Imagem monocromática retorna ao tempo, ao passado inexistente, inesperado. Proponho “**imagear**” o espaço, uma ação sobre ele que grava um pensamento espacial (OLIVEIRA JR., 2009, p. 25).

Um ponto de troca/coleta será disponibilizado para que a coletânea de imagens promova trocas com diferentes grupos e escolas no retorno do roteiro. Espaço aberto de diálogos acerca dos pontos de estranheza, flexibilidade e sentimentos. O conjunto de fotos a seguir é da coleção do fotógrafo Luis Marques Martinelli e partiram de experimentações realizadas das janelas de sua casa, bem como Joseph Nicéphore Niepce, químico da Borgonha, reproduziu também de sua casa as primeiras imagens duradouras em 1826 (BUSSELLE, 1977).

No início acreditava-se que a imagem se revelava apenas por intermédio da Luz sem a ajuda do fotógrafo. Na Figura 2 podemos observar que a imagem se formou pela intervenção do fotógrafo, que utilizou mais de um orifício para a entrada da luz, tornando possível a multiplicidade de imagens. Uma multiplicidade que dispensa a digitalização e se utiliza da sobreposição feita pela entrada da luz, inesperada. Da mesma forma, os olhares curiosos dos alunos “que lidam, que burilam, fazem derivar o conceito de cidade para além do pensamento habitual” (OLIVEIRA JR., 2010, p. 172).

Um espaço aberto e em processo na imagem capturada pela câmera.

Que lugar essas imagens capturam? Espaço ausente de pessoas, de habitantes, vazio da cidade, limites desconhecidos. Na imagem se cria uma cidade impensável, uma versão imprevista da metrópole. Uma metrópole improvável, só existente no interior da câmera *pinhole*. Bordas esquecidas, distantes, escondidas, visíveis ou invisíveis? Ao escolher uma câmera primitiva, fugindo da tecnologia moderna e preferindo a menor sofisticação, entendendo que as imagens vão se tornar mais interessantes, porque acidentais, delicadas, carregadas de sentimentos.

Esse fotógrafo campineiro que, apesar de viver em um mundo afogado em imagens, prefere a surpresa, conforme contou em apresentação no “**III multiTÃO: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências...**” Quando apresentou suas imagens no trabalho **exercícios de surpreender(-se): espaços em negativo**, disse que busca “novos detalhes onde formas se encontram super alinhadas através do acaso e da experimentação. Na fotografia *pinhole* as formas se realinham e se direcionam por caminhos mais divertidos e inimagináveis” (Figura 5).

Ele realinha o seu mundo e convida todos a fazer o mesmo, cada um com seu jeito e o seu próprio modo de existir. A câmera *pinhole* nos mostra um novo caminho com sensibilidade singular, uma sensibilidade urbana. Convida-nos a agir em nossos territórios, um convite parecido com o que nos faz Oliveira Jr. (2006, p.106):

Como uma tentativa inicial, aproximo a palavra território das ações – espaço onde se age; a palavra paisagem aproximo dos olhos – o espaço que se olha e vê; a palavra lugar aproximo das experiências e das escalas – o espaço que se recorta; a expressão espaço geográfico aproximo das narrativas – composto de ações, olhares, experiências, escalas e narrativas. Agrupando todos estes conceitos, tenho buscado um diálogo destes com as imagens a partir das palavras local e cenário, em seus múltiplos sentidos.

Quando as câmeras forem entregues aos alunos, veremos a procura de imagens; pensamentos e enquadramentos serão experimentados pelo olhar que captura e é capturado; as imagens que se dobram narrarão para si o desejo de capturar e se deixar capturar.

A imagem apresentará uma geografia que movimenta saberes e possibilita conexões, que tem a ver com um jogo pautado na ideia de **percursos**. Um jogo de uma geografia que mostra que há diferentes

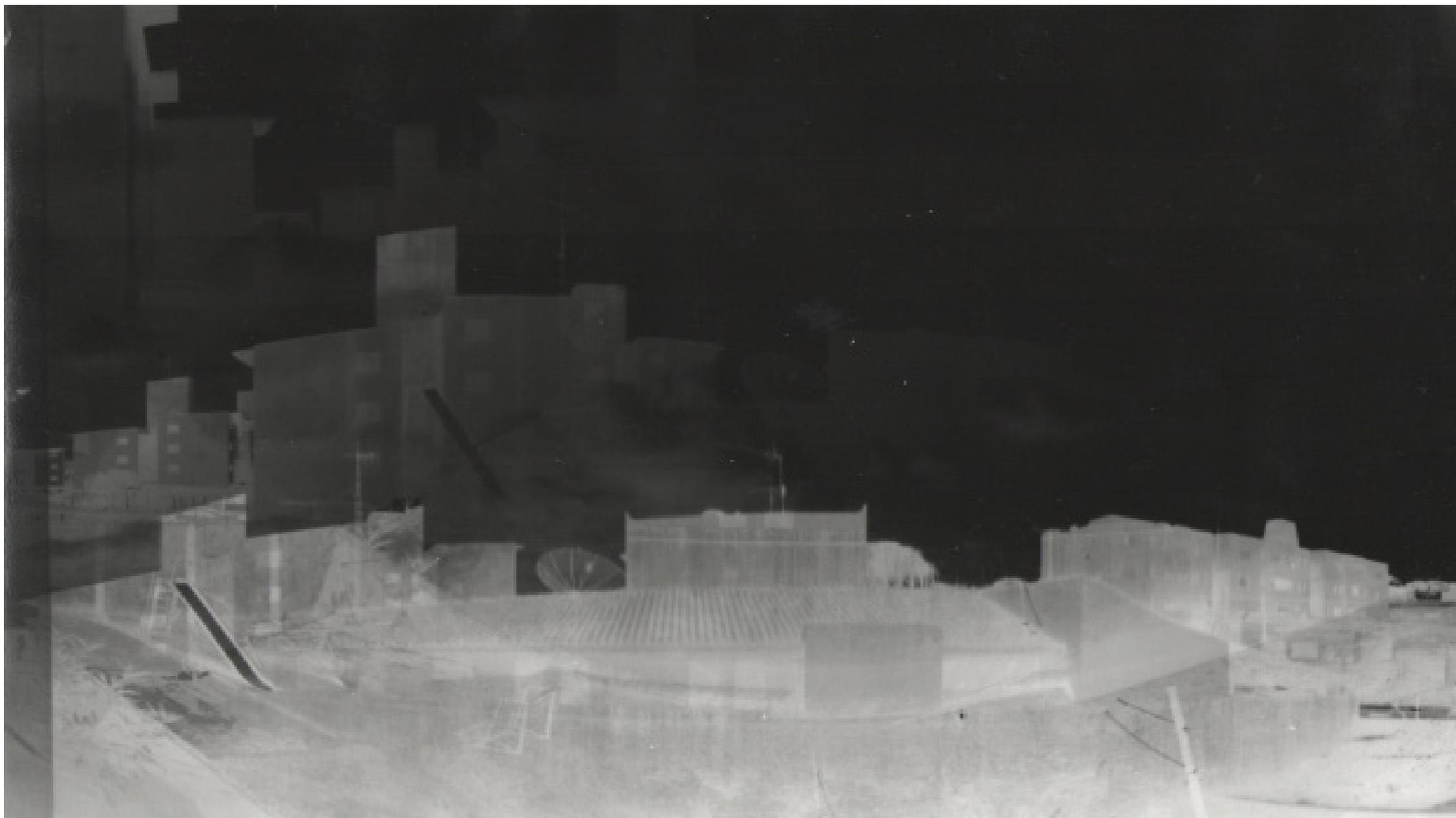


Figura 5 - De varanda o mundo
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

jeitos de se ver, sentir e registrar um lugar, lugar este que se forma, modifica e guarda tensões.

Um lugar não nos chega pronto, não tem existência por si mesmo, mas vamos construindo nossas imagens e nossas ideias acerca deste lugar e é com elas que nós o pensamos e nele

agimos. É em grande medida a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar. Conceito que é "território contestado", para onde convergem discursos de muitos grupos sociais, alguns deles constituídos de pesquisadores em áreas acadêmicas, entre elas e com destaque, a Geografia. (OLIVEIRA JR., 2011, p. 14)



Figura 6 - De varanda, tempo
Foto: Luís M. Martinelli, 2011

Registraremos **impressões do tempo**, à la Tarkovsky (TARKOVSKY, 1998, p. 71), mas também registraremos impressões de geografias, impressões de gente em relação a lugares desejanter, construindo sabedorias como Manoel de Barros.

Percorrendo os limites da cidade seguiremos pisando e apagando as fronteiras e fotografando, em momento de observação, pois a fotografia cria, recria, abstrai, penetra, renova, intensifica, explora, distorce, apaga..., pois "um lado ou outro da relação é sempre redescoberto e defendido" (SONTAG, 2004, p. 140).

Neste Roteiro Ecogeográfico estaríamos **imageando** o espaço. **Imagear? Imagear o espaço?** Utilizo o verbo **imagear** assumindo que "produzir imagens sobre o espaço geográfico é criar uma versão imagética para ele, é criar territórios" (OLIVEIRA JR., 2009, p. 25) e buscando direções múltiplas. ☉

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata. Resistência e confabulações. In: AMORIM, Antonio C.; MARQUES, Davina; OLIVEIRA DIAS, Susana (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB, 2011.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1996.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia**. São Paulo: Thomson Pioneira, 1979.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

CAZETTA, Valeria. O status de realidade das fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. **Pro-Posições (UNICAMP)**, v. 20, 2009, p. 71-86.

GODOY, Ana. **A menor das Ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

LARROSA, Jorge B.. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Leituras**, nº 4, jul. 2001. [Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede

Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens
Ivânia Marques

Municipal de Educação de Campinas/Fumec. Publicação da Secretaria Municipal de Educação].

MARTINELLI, Luís M.. **Experimentações em Pinhole** – Arquivo Pessoal. Americana, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. **Lugar**. Disponível em <<http://www.docstoc.com/docs/116689187/Geo-Proesf-Lugar-Estudo-Do-Meio>>. Acesso em: 27/08/2012.

_____. **Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias**. Campinas: Revista Pro-posições, Editora da Faculdade de Educação (Unicamp), v. 1, 2009. 158p.

_____. Apontamentos sobre a educação visual dos mapas: a (des) natureza da ideia de representação. In: Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, 6, 2009, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009, p. 1-13.

_____. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive - linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-36.

_____. et al. Escritos de algumas pessoas na busca do que seria uma geografia escolar a propor. In: BITTENCOURT, Agueda B., OLIVEIRA JR., Wenceslao M. **Estudo, pensamento e criação**. Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação (Unicamp), 2005.

_____. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições** (UNICAMP), v. 20, 2009, p. 7-19.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. de; COSTA, Maria H. B. e V. da. Paisagens ao fundo – territórios não mais marginais na fotografia e na televisão. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; COSTA, Maria H. B. e V. da. (Orgs.). **Imagens Marginais**. Natal: Editora da UFRN, 2006, v. 1, p. 85-107.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

TARKOVSKY, Andrei. **Esculpir o Tempo**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercício de olhar. Reunião Anual da ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 29., Caxambú (MG). **Anais...** Caxambu: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, 2006. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/29gra/trabalhos/trabalho/GT16-2359--Int.pdf>>. Acesso em: 27/08/2012.

Submetido em Fevereiro de 2012.

Revisado em Maio de 2012.

Aceito em Agosto de 2012.